

SONHO E CRIAÇÃO NA POESIA DE FERNANDO PESSOA (II)

MIGUELINA SOIFER

(Universidade Federal do Paraná)

Estudávamos anteriormente (1) o sonho da criação poética, e a estrutura estilística peculiar que ele determinava na expressão de Pessoa (a "visão"). Mas anunciávamos ao mesmo tempo a multiplicidade de experiências que o termo "sonho" designa, e a essencialidade que cada uma delas adquire no universo poético de Pessoa. A importância do tema do sonho deriva, em primeiro lugar, de uma razão intrínseca: sua mesma presença constante, nítida ao longo da obra; depois, uma série de questões extremamente sedutoras para o pesquisador da obra pessoana poderá ser claramente delimitada através de seu estudo. Qual, por exemplo, o valor do sonho para o poeta que foi definido como "um ser que contempla sem existir", de quem se disse que "a inapetência pela vida" foi "a própria definição do temperamento e da conformação do espírito"? (2). Qual o crédito atribuível a declarações como esta: "De eterno e belo há apenas o sonho" (3), ora confirmadas ora negadas em tantos outros versos? Em que medida aceitou o lúcido Pessoa as revelações de vida oculta que seu sonho lhe aportava? Sonho-ilusão, sonho-evasão, sonho-evocação de passados, sonho-intuição e revelação, são os aspectos que analisaremos agora, antes de estudar a imagística própria do sonho pessoano.

(1) "Sonho e Criação na Poesia de Fernando Pessoa" Letras, n.o 14, 1965 Revista do Departamento de Letras. Faculdade de Filosofia. Universidade Federal do Paraná.

(2) "Poesia — Fernando Pessoa" Apresentação de Adolfo Casais Monteiro. Agir, Rio, 1957, página 11.

(3) (PD 417). Os algarismos remetem às páginas da obra "Fernando Pessoa. Obra poética. Organização introdução e notas de Maria Aliete Dorez Galhoz. Rio de Janeiro, Aguiar, 1960.

— As siglas são as seguintes:

M = Mensagem
C = Canicãoiro
AC = Poemas de Alberto Caeiro.
RR = Odes de Ricardo Reis
PC = Poemas de Alvaro de Campos
PD = Poemas Dramáticos
PI = Poemas Inéditas
D = Poemas Dispersas.

O SONHO-ILUSÃO

O sonho nunca é, para Fernando Pessoa, uma esperança projetada no futuro; situa-se antes num universo ideal, fora de toda possibilidade, alheio às contingências do real, do humano; daí a distinção subtil que o poeta estabelece entre ilusão e sonho: "Sem ilusões vivemos apenas do sonho, que é a ilusão de quem não pode ter ilusões". (1) A "ilusão", sim, projeta-se num tempo, num espaço, num próximo ou longínquo porém possível vir-a-ser. Daí o clima de fracasso, de morte, em que aparece situado o sonho:

Sou já morto futuro
Só um sonho me liga a mim
O sonho atrasado e obscuro
Do que eu devera ser, muro
Do meu deserto jardim. (C90)

O sonho é sempre formulado em têrmos de passado, em vivências de um ser a tal ponto desaparecido no tempo, que é muitas vêzes estranho, "outro" à consciência atual do poeta:

"Outrora, quando fui outro..."
"Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho... (PC 365)

A evocação daquele longínquo estado em que o sonho lhe foi autêntico, aparece já irreal à alma situada no fracasso:

"Contudo, contudo,
Também houve gládios e flâmulas de côres
Na primavera do que sonhei de mim". (PC371)

Por isso o sentido do irremediavelmente perdido envolve a evocação de passados sonhos:

"Se já não torna a primavera
que em sonhos conheci,
Se já não há mais florir de árvores feitas
só de alguém as sonhar". (C 126)

Este agudo sentimento do perdido, de fracasso no sonho, é um estrato habitual na angústia de Pessoa; mas em nada diminui ou atenua a disponibilidade natural do sonhador, nem torna menos intensa a procura do sonho:

Mas eu, fechado no meu sonho,
Inútilmente recomponho visões do que não pude ser".
(PI 489).

Não o carrega de um lastro negativo: apenas o sonho acompanha-

(1) Fernando Pessoa, *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, Introdução geral, p. XI.

se no instante mesmo em que êle é formulado, da consciência melancólica de sua não realização:

Nossa Senhora
Dos sonhos que vem ter conosco ao crepúsculo à janelas
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos".
(PC 267)

Se muitas vèzes há no sonhador o momento da revolta contra este fracasso original de seu sonho,

"O que é feito dos propósitos perdidos, e dos sonhos
impossíveis?
E por que é que há propósitos mortos e sonhos sem
razão?" (PC 323)

o sonhador acaba por coordenar a inclinação ao sonho com a consciência de seu fracasso, do "abismo" entre seu sonho e seu "porvir".

(1). Então surge a aceitação lúcida do sonho, atmosfera vital da alma,
A quem sonha de dia e de noite, sabendo
Todo o sonho vão
Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo
E a ter coração". (C 72)

A coordenação é evidente nestes versos:

A sonhar eu venci mundos
Minha vida um sonho foi
Fecha teus olhos profundos
Para a verdade que dói". (PI 439)

Contudo, entre o momento da revolta e o da aceitação, média a certeza pungente do próprio fracasso. A consciência do fracasso formula-se correlativamente à noção de ação. Há primeiro uma revolta contra "o sonho que se opôs a que eu vivesse" (2) no dizer do poeta, contra o sonho como não-vida:

"Por que fiz eu dos sonhos a minha única vida?" (C 82).

A entrega ao sonho, nesses momentos de total desesperança, opõe-se à ação salvadora. Pessoa lúcido, sincero, consciente, revolta-se contra uma falha de seu ser; para vencê-la sabe inútil tôda luta. "Aquela impossibilidade de fazer mais que sonhar é que era a certeza dêle": (3).

(1) (C 55)

(2) (PI 494)

(3) Fernando Pessoa, *Obra pécetica*. Rio de Janeiro, Aguilar, Introdução, pág. XLII.

"O mundo é para quem nasce para o conquistar,
E não para quem sonha que pode conquistá-lo ainda que
tenha razão
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fêz... (PC 324)

Sempre, no plano pessoal, sensação de fracasso e sôbre tudo dôr de ter perdido o sentido real da vida por ter-se entregue ao sonho:

"Falhei. Quem sou vivi só de supô-lo". (PI 557)

E:

"A novela inacabada
Que o meu sonho completou
Não era de rei ou de fada
Mas era de quem não sou". (PI 559)

Mas, psicologicamente, anuncia-se uma segunda etapa seguindo ao movimento de acusação: é como dissemos, a de conciliação entre consciência de fracasso e aceitação integral do sonho:

"Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
Aparte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo".
(PC 324)

E' no momento da conciliação quando aparece claramente o caráter autônomo e irreal do universo do sonho pessoano. Consciente disso, mais o amou por causa de sua idealidade:

"... tôdas esas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na vida".
(PC 267)

Pelo contrário, o fracasso do sonho, não impede o acesso do sonhador à "realidade" onde está o que êle sonha:

"Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho".
(AC 169)

Da mesma maneira, do ser que sonhou ser, basta-lhe a imagem interior, a que ninguém vê para aquém das aparências, e que êle se compraz em conservar íntegra, com "as flôres que vêm do chão" e as "ervas naturais" dos sonhos; elas, sim, são uma realidade-parasi, mesmo que o não sejam para aquêles que só veêm "o jardim":

"Cerca de grandes muros quem te sonhas.

Depois, onde é visível o jardim

Através do portão de grade dada

Põe quantas flôres são as mais risonhas,

Para que te conheçam só assim.

Onde ninguém o vir não ponhas nada". (C. 119)

Pessoa foi, no sentido mais espontâneamente afetivo, um sonhador? Acreditou no sonho, entregou-se a êle? A conclusão óbvia é, como em muitos outros aspectos, o partilhamento de sua personalidade entre atitudes opostas. Sempre ao lado da entrega ao sonho, a consciência de sua fugacidade, da sua irreabilidade, da dôr no despertar iminente:

"Sonho, e só existe em meu ser

Um sonho do que terei

Só que o não hei de ter". (PI 548)

"Até os meus exércitos sonhados sofreram derrotas.

Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados".

(PD 320)

Mas o sonhar parece ser um traço indestrutível de sua natureza profunda, rebelde mesmo à tendência impiedosamente racionalista de seu espírito. Será tal a ansiedade pelo sonho, que o sonhador consolar-se-á mesmo dos sonhos que não chegou a sonhar, dos sonhos não formulados, esquecidos:

"O que falhei deveras não tem esperança nenhuma

Em sistema metafísico nenhum.

Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei

Mas poderei levar para outro mundo o que me esqueci de
sonhar?

Êsses sim, os sonhos por haver, é que são cadáver.

Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo,
para todos os universos. (PC 334)

E, finalmente, deram-lhe felicidade, fugazmente, frãgilmente talvez, sob a lúcida autoanálise, os seus sonhos? Sim, pois uma vez, em poucos instantes, os sonhos tiveram um sabor de vida:

"Aqui, na orla da praia, mudo e contente do mar

Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar.

Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida (C 81)

O SONHO - EVASÃO

Se o sonho não tem, para Fernando Pessoa, o valor de “ilusão”, de representação ou projeto de indefinida felicidade situada no porvir, êle permite, sim, uma evasão da dôr e da angústia humanas diante da impenetrabilidade do Absoluto.

À dôr humana o sonho oferece a quase insensibilidade, o adormecimento, a vigília atenuada, o esquecimento:

“As lentas nuvens fazem sono
O céu azul faz dormir.
Bóio num íntimo abandono,
À tona de me não sentir.
E é suave, como um correr de água,
O sentir que não sou alguém,
Não sou capaz de pêso ou mágoa:
Minha alma é aquilo que não tem. (PI 540)

Então o sonhador compraz-se na inação, na imobilidade:

“Que bom, à margem do ribeiro
Saber que é êle que vai indo...
E só em sono eu vou primeiro
E só em sonho eu vou seguindo”. (PI 540)

Nêste -adormecimento atenua-se tôda a lucidez do pensamento, o suficiente para que o poeta possa entregar-se às sensações vagas e prazenteiras; é um sonhar de olhos fechados, o opôsto ao sonho lúcido, doloroso muitas vêzes, que tem lugar durante a visão poética:

“Dormir até acordado, sonhando,
Ou até sem sonhar
Mas envolto num vago abandono brando,
A não ter que pensar”. (PI 490)

O estado de alheamento produz uma euforia puramente exterior:

Não sei se é dormido
Ou alheado que estou:
Sei que estou sentindo
A bôca sorrindo
Aos sonhos que sou”. (C 108)

O que caracteriza êste “estado de sonho” na expressão poética é que as imagens que se lhe associam estão apoiadas num requinte de sensações, e não no livre impulso da imaginação, essencial no processo da “visão”. Surgem imagens etéreas, leves, imprecisas. Transparências de lua:

“Na noite que me desconhece
O luar vago, transparece.
Da lua ainda por haver
Sonho. Não sei o que me esquece
Nem sei o que prefiro ser”. (PI 505)
“... e onde, lua na corrente
Não passa o sonho e a água inútil fica”.

Correntes adormecedoras:

“Não quero mais que um som de água
Ao pé de um adormecer
Trago sonho, trago mágoa
Trago com que não querer” (PI 513)

Murmúrios do mar, em transformações sensoriais ou sinestésicas:

“Agora não esqueço e sonho
Fecho os olhos, oiço o mar,
E de ouvi-lo bem, suponho
Que vejo azul a esverdear.
Agora não esqueço e sonho. (PI 501)

Sensações auditivas e visuais interpenetram-se no sonho:

“Sonho e ao meu ouvido
Que música vem ter?
Se escuto, nenhuma.
Se não ouço ao luar
Uma voz que é bruma
Entra em meu sonhar”. (PI 480)

Músicas tênues são infaltáveis como elementos suscitadores do sonho:

Há música. Tenho sono.
Tenho sono com sonhar.
Estou num longínquo abandono.
Sem me sentir nem pensar”. (PI 493)
“Houve um ritmo no meu sono
Houve uma música finda
Quando acordei de a sonhar.
Mas não morreu: dura ainda
No que me faz não pensar”. (C 117)

As mágoas da alma parecem fundir-se nas paisagens evanescidas:

“Vai leve a sombra
Por sôbre a água
Assim meu sonho
Na minha mágoa”. (PI 508)

Nada mais contrário a esta fácil evasão pelas sensações, que o caminho percorrido intelectualmente pelo poeta que disse: "Chamo insinceras.... às cousas, também — repare nisto, que é importante — que não contêm uma fundamental idéia metafísica, isto é, por onde não passa ainda que como um vento, uma noção de gravidade e do mistério da Vida". (1)

Evadindo-se da angústia metafísica, o poeta devia procurar refúgio no sonho:

Quantas vêzes | quantas |
Em sonhos vazios conscientemente
Imerso, me não pesa o ter que ver
"A realidade e o dia!" (PI 434)

Em sua constante procura do Real, o olhar lúcida e analiticamente Pessoa encontra só "sonho", irrealidade, no mundo externo, universo simbolizado pela "Tabacaria",

"... janelas do meu quarto
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente
por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora
E a sensação de que tudo é sonho, como coisa real por
dentro". (PC 324)

e irrealidade no universo interior:

"Ah! mas aqui, onde irreais erramos
Dormimos o que somos..." (C 122)

Esta constatação — e a correlativa vontade de "alhear-se" no "sonho que é a vida":

"Pudesse eu, sim, pudesse, eternamente
Alheio ao verdadeiro ser do mundo
Viver sempre êste sonho que é a vida!" (PI 434)

ou a necessidade de acordar, intensamente suscitada pelo espetáculo de uma natureza incompreensível,

"Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.

(1) Fernando Pessoa, Obra poética, Aguilar, pág. 714 — Nota.

As estrêlas pestanejam frio,
Impossíveis de contar. (PC 353)

e pela mesma irreabilidade do "eu":

"O coração pulsa olheio
Impossível de escutar". (PC 353)

Também o sono noturno é uma experiência misteriosa, não consciente, para a qual o homem se volta em sua ardente procura de unidade, fora do mundo das aparências:

"Ser consciente é talvez um esquecimento.
Talvez dormir seja, um momento,
Voltar o espírito noso a ser seu dono... (PI 552)

No sono, na noite, surge "de repente" a revelação fugaz de uma força, outras vezes mencionada por Pessoa: o Inconsciente. Ligada ao ato de criação poética, reaparecerá no sonho noturno:

"Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.
E eu sinto a minha vida de repente
Prêsa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia". (C 57)

O poeta é invadido no sonho, pela sensação de um mistério ameaçador representado na imagem confrangedora dos "grandes pássaros":

Grandes mistérios habitam
O limiar de meu ser,
O limiar onde hesitam
Grandes pássaros que fitam
Meu transpor tardo de os ver.
São aves cheias de abismos
Como nos sonhos as há.
Hesito se sondo e cismo,
E à minha alma é cataclismo,
O limiar onde está". (C 110)

Morte, sonho e vida são fases relacionáveis na procura do real; a vida é um sonho; a morte será o despertar para a outra, a verdadeira vida:

"... A mim, como a quem sonha,
E escuramente pesa a mágoa
De ter que despertar — a mim, a morte,

Mais como horror de me tirar o sonho
E dar-me a realidade, me apavora,
Que como morte..." (PI 434)

Morte, sonho e vida como no símbolo da Princesa Adormecida:

A Princesa Adormecida
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida
Verde, uma grinalda de hera". (C 116)

Pessoa formula a concepção tipicamente espiritualista (em concordância sem dúvida, com a doutrina ocultista): a matéria é o sinal da queda, o espírito conhecerá suas regiões primeiras após a morte — que é o despertar à Realidade. Formulação expressa, entretanto, com ênfase dubitativa:

Quando, despertos dêste sono, a vida,
Sonharmos o que somos, e o que foi
Essa queda até Corpo, essa descida
Até à Noite que nos a Alma obstruiu,
Conheceremos pois tôda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?" (C 122)

As relações entre sonho e vida chegam a definir-se como nunca na obra pessoana, no drama "O Marinheiro"; com efeito, a plenitude da evasão no sonho é atribuída à personagem do marinheiro, que criando um passado sonhado, nêle se instala perdendo o contacto com o passado vivido. Surge então a etapa seguinte na dialética de Pessoa: "Valeria então a pena fecharmo-nos no sonho e esquecer a vida? Talvez assim possamos nos arrancar à morte pois morre-se talvez... "por não se sonhar bastante". A própria interrogação, está indicando-nos uma glorificação da vida, latente mesmo nesse poeta a quem "é vedado integrar-se nela, aceitá-la como real..." (1)

Na dualidade sonho-vida dá-se também o tema inverso: a vida como sonho, tema insinuado no fim do drama, quando a Segunda Veladora, que narrava seu sonho pergunta: "Dizei-me, porque não será a única coisa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui um sonho dêle?" Eis o desfêcho do drama: as personagens aguardavam em inexplicável angústia, um desenlace ignorado, que se insinua como o "acordar de alguém": elas não são mais do que "sonho de alguém".

(1) Casais Monteiro, Adolfo, "Estudos sôbre a poesia de F. P." Agir, Rio de Janeiro, 1958, p. 137.

Alguma afirmação definitiva coroa o poema? Não; e se perguntássemos, como a Terceira Veladora, nas frases finais do drama:

“... E de tudo isto fica, minha irmã, que só vós sois feliz, porque acreditais no sonho...”, responderia a Segunda Veladora, com a ambiguidade sincera do poeta que vem de exprimir tôdas as suas crenças e dúvidas em tórno ao tema que o preocupava:

“Segunda — Por que é que mo perguntais? Por que eu o disse? Não, não acredito...”

Nada mais humano e genial do que o vago partilhamento entre crenças diversas, a aceitação de hipóteses opostas sem poder fechar-se nas limitações de uma visão coerente e única, traço essencial do espírito neste poeta de prodigiosa clarividência.

O SONHO-EVOCAÇÃO

“E no fundo do meu espírito onde sonho o que sonhei
“Nos campos últimos da alma onde memoro sem causa...”
(PC 321)

O sonho é um dos instrumentos de retórno ao passado, e antes de tudo — não “sem causa” — ao tempo perdido da infância. Pessoa situa-se entre aquêles poetas para os quais a infância é o estado de graça da ingenuidade primeira, opôsto à angústia e às dúvidas do homem, o estado no qual o olhar inocente conserva a visão prístina do universo e não conhece ameaças de morte; o tempo dos carinhos, ao aconchêgo protetor do teto provinciano, o mundo pungente de “Aniversário”. A “outra consciência” da infância é distinta daquela que nos leva à esfera do dualismo:

“Das flôres que na nossa infância ida
Com outra consciência nos colhíamos
E sob uma outra espécie
De olhar lançado ao mundo”. (RR. 206)

Jamais retornará aquela ingenuidade maravilhada do ser “sem álgebra”:

“À criança que fui outrora
Quando brincava na quinta e não sabia álgebra”. (PC 369)

O poeta adulto, o Pessoa intelectual, analítico, “gravemente atento à importância misteriosa de viver”, não consegue reconhecer-se como continuidade do ser infantil:

“Se a minha infância evoco agora, vejo

... Estranho — como uma outra criatura que me era amiga,
numa vaga
Objetividade subjetividade”. (PD 450)

E:

Por cima do muro da quinta
Sobe longínquo o olival alheio.
Assim na infância vi outro que não era êste:
“Não sei se foram os mesmos olhos da mesma alma que o
viram”. (PC 380)

A infância é um paraíso perdido, para sempre; só pelo sonho
será possível um momentâneo retorno, tão efêmero que se torna do-
loroso:

“Ó meu passado da infância, boneco que me partiram
... Não poder viajar para o passado... (PC 288)

A viagem pela recordação é dolorosa, e a chegada nada signifi-
ca para a alma:

“Cidade de minha infância, pavorosamente perdida!
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui... (PC 321)

Entretanto, é pelo sonho, unicamente pelo sonho, que se opera
a continuidade da infância para a idade adulta; se nem as recorda-
ções podem reviver o ser da infância, se a memória afetiva desapare-
ce com a “fôrça do pensar, contínuo e árido”, o sonho será a fôrça
mágica que mantendo a infância viva, construirá para o homem a
verdadeira vida, a de substância humanamente eterna; tal é uma
das capitais funções do sonho:

“Temos todas duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância
E que continuamos sonhando, num substrato de névoa.
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.
Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de côres para recordar mais tarde:
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morreremos, que é o que viver quer dizer”. (PC 355)

Estudando as imagens do sonho pessoano, veremos que muitas

delas originam-se nas evocações da passada infância; infância e sonho povoam-se de figuras de castelos, princesas, cavaleiros,

(“Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância”) gnomos, elfos, fadas, séres surgidos do plano fantástico do conto infantil, mundo feérico, insistentemente revivido no sonho pessoano; elementos preciosos, caros à imaginação do poeta. Entretanto o sonho da infância não é mais do que um rapto momentâneo; Pessoa não o utiliza para uma instalação definitiva no mundo de sua criação poética, como o intentaram um Alain Fournier ou um Saint Exupéry, apesar de que a densidade afetiva e as ressonâncias espirituais do tema também tenham sido profundas nêle. Nem o consôlo que o sonho da infância feliz aporta, ao poeta angustiado pelas visões da “Ode Marítima”, perdura:

“E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim”. (PC 286)

O sentido do próprio fracasso, a consciência do definitivamente perdido nêste ser que cedo abdicou da felicidade, impedir-lhe-iam de nutrir seu entusiasmo criador no nostálgico sonho da infância:

“O que fui outrora foi um desejo; perdeu-se.
Adeus para sempre, rainha das fadas!
As tuas asas eram de sol, e eu cá vou andando...” (PC 349)

AS IMAGENS DO SONHO

Nada mais imponderável e amorfo que o mundo de sonho a palpitar no interior de um universo poético; Pessoa faz alusão a êsse mundo percebido pelo sonhador num “substrato de névoa”. Porém na atmosfera etérea de tal universo, insinuam-se imagens de uma realidade pungente, elementos que retornam constantemente, como pontos de referencia concretos a fixar a vivência difusa do sonhador. Surgem assim figurações meramente simbólicas (ilha, floresta, janela, elementos marinos e feéricos), cuja análise permitirá recompor o complexo afetivo-espiritual de que o mundo sonhado é expressão.

A Ilha: — O mundo do sonho pessoano parece assim estar contido nos limites da Ilha, utópico “là-bas” frequentado desde sempre pelos poetas. A ilha guarda a irrealidade do território mágico, no além-mar misterioso,

“E é para além do mar a ansiada Ilha”. (C 125)
no Sul indefinido, no “Longe” de qualidade já metafísica,
“Do longe das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquele angústia de sonhar que até para si calam”. (C 37)

ainda que às vêzes se situe numa geografia metafóricamente concreta:

“... Antilhas entrevistadas
através de, com as mãos eis apontados
os sonhos, cortinados de ametistas”. (C 54)

Já como paisagem real, a ilha tem o poder de suscitar a nostalgia difusa que, no poeta, desperta habitualmente a contemplação do mar:

“O soluço absurdo que as nossas almas derramam
Sôbre as extensões de mares diferentes com ilhas no longe
Sôbre as ilhas longínquas das costas deixadas passar”.
(PC 272)

Circundada pelo horizonte do mar, isolada em meio ao infinito, suscitadora de sonho, sulcada de áleas de palmares, tal é

“Aquela terra de suavidade
Que na ilha extrema do Sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri”. (C 100)

É sobretudo o palmar que define a ilha; o poeta evocará invariavelmente os seus “palmares de sonho”:

“Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho
Eram grandes palmares do Sul opulentos de verdes”.
(PC 355)

Obsessivamente repetem-se os elementos paisagísticos ineludíveis do sonho pessoano:

“Não é com ilhas do fim do mundo
Nem com palmares de sonho ou não
Que cura a alma seu mal profundo...” (AC 100)

A tal ponto assimila-se a ilha ao mesmo sonho, que produz-se uma troca semântica: os “dias de sonho” serão, na palavra poética de Pessoa, “dias de ilhas”:

“Um espasmo apagado em ódio à ânsia
Põe dias de ilhas vistas do convés
No meu cansaço perdido entre os gelos”. (C 50-51)

A representação do sonho na “ilha” é necessária e habitual à imaginação pessoana:

“Sem dúvida que as ilhas dos mares do Sul têm possibilidades para o sonho”. (PC 323)

E quando o “Fausto” em elucubração metafísica, procurar imaginar o mundo de essências reais oposto ao nosso mundo de aparên-

cia vã, êle imaginará antes de tudo um mar onde não possa "visionar" a ilha:

" | Ondas | nas quais não posso visionar
Nem dentro em mim, em sonho, | barco | ou ilha". (PD 427)

A impossibilidade do sonho é a impossibilidade da ilha, por isso todo sonhador será ora o náufrago que atinge a terra firme,

"Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam-me náufrago
Ou que palmares de Literatura me darão ao menos um verso
(PC 320)

ora o deportado a quem é negado o acesso:

"Por isso sou o deportado, e a ilha
Com que, de natural e vegetável,
A imaginação se maravilha... (PI 494)

A ilha, cenário estereotipado, paisagem típica, não surge da necessidade de procurar uma expressão concreta ao estado de alma inexprimível do poeta. Como os outros elementos imagísticos do sonho, obedece a uma forma oposta ao "processo frequente na poesia pessoana: uma realidade exterior (...) condú-lo a uma abstração.... que êle procura fixar em imagens concretas | ... |" (1). As imagens do sonho têm, de início, uma vida essencialmente subjetiva, e assim o compreende, num momento de lucidez, o próprio sonhador:

"Não é com ilhas do fim do mundo
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração,
E' em nós que é tudo..." (C 101)

Donde provém estas imagens? Cenário de característicos, mero "clichê", pareceria vão procurar-lhes a origem remota na imaginação do poeta. Entretanto, alguns versos reveladores permitem associá-las ao tempo precioso da infância; há alusões frequentes a essas

"... ilustrações da infância
Grandes livros coloridos para ver mas não ler
Grandes páginas de côres para recordar mais tarde." (PC 355)

O poeta, com efeito, lembra o tempo passado:

"Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros
(Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância)
Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho

(1) Berardinelli, Cleonice "Poesia e poética de Fernando Pessoa". Policopiado. Rio de Janeiro, 1958.

Eram grandes paisagens do norte, explícitas de neve.
Eram grandes palmares do Sul, opulentos de verdes.
(PC 355)

Todos os elementos aqui citados retornarão constantemente ao sonho. No poeta adulto, surgem com a expressividade profunda que a infância empresta invariavelmente ao mundo poético pessoano. Mapas, ilustrações, gravuras, “encadernações vetustas”, conservam para ele a fascinação do outrora, o valor do “caminho abstrato para a imaginação concreta”:

“O que de negado a nossa vida vem nas ilustrações,
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam...
(PC 352)

Pessoa transfere assim à ilha do seu sonho a qualidade magicamente evocadora que as ilustrações possuíam naquele tempo irrecurável que ressurge, por exemplo, no poema “Aniversário”.

Porém, quais os caracteres específicos que determinam a existência da ilha? Qual o seu valor como objetivação figurativa de certas tendências emotivas ou espirituais do poeta? Não é, em Fernando Pessoa, o além paradisíaco onde as ilusões tornam-se realidade, a Cythère alegórica dos amores poéticos, nem a terra do “luxo, calma e voluptuosidade” da “Invitation au Voyage” baudelairiana, apesar de que o poeta uma vez assim, momentaneamente, a caracterize,

“E’ a que ansiamos. Ali, ali,
a vida é jovem e o amor sorri”. (C 100)

para negá-la no fim do mesmo poema:

“Ah- nessa terra também, também,
O mal não cessa, não dura o bem”. (C 100)

E’, sim, para Fernando Pessoa, o símbolo do isolamento total, perfeito; o afastamento de todo contacto social e geográfico, de toda exigência de ação que, impossibilitando naturalmente a aspiração, impossibilita também a decepção: é de início, a condenação da “ilusão”, de todo sonho futuro. Por isso o “Marinheiro” do poema dramático constrói seu sonho no passado, constrói-se um passado sonhado: o sonho torna-se vida, mas vida já vivida: não existe, no universo de Pessoa o sonho-projeto.

Outra paisagem inerente ao sonho, menos frequente que a da ilha, é a floresta. A insistência no descritivo, distancia bastante a floresta do cenário sintético da ilha. Mas, se aqui a paisagem é mais rica em detalhes visuais, e mais ampla ao mesmo tempo em perspectivas, não deixa de ser uma “Floresta do alheamento”, e o alheamento é no

léxico do poeta, muito frequentemente, sinônimo de sonho, como no caso presente:

“... essa paisagem conheço-a há muito. Sinto em mim séculos de conhecer aquelas árvores, e aquelas flores, e aquelas vias em desvios e aquêle meu ser que ali vagueia...”
(PD 401)

Paisagem puramente sonhada:

“Foge diante dela, como um nevoeiro que se espalha, a nossa idéia do mundo real, e eu possuo-me outra vez no meu sonho errante, que esta floresta misteriosa esquadra...”
(PD 404)

Numa “realidade bruma” desenha-se a floresta: flores, árvores, caminhos a compõem:

“As árvores! as flores!... O esconder-se copado dos caminhos!... Passeávamos... sob os cedros e as olaias”. (PD 402)

Como em certos sonhos muitos reais ou mesmo nos estados alucinatórios, destacam-se os contornos nítidos, os detalhes de forma e côr:

“No nosso jardim havia flores de tôdas as belezas.... rosas de contornos enrolados, lírios de um branco amarelecendo-se, papoulas que seriam ocultas se o rubro lhes não espreitasse a presença.... miosótis mínimos, camélias estéreis de perfume.... E pasmados por cima de ervas altas, olhos, os girassói isolados fitavam-nos grandemente”. (PD 402)

E como nas paisagens oníricas, o tempo e o espaço são abolidos:

“Alí vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos de realidade no espaço...” (PD 403)

A floresta contém todos os elementos necessários à expressão do sonho pessoano. O horizonte marino com a nau simbólica:

“Orlas de marés desconhecidas tocavam, no horizonte de ouvirmos, prais que nunca poderíamos ver, e era-nos a felicidade escutar, até vê-los em nós, êsse mar onde sem dúvida singravam caravelas | ... | com outros fins em percorrê-los que não os fins úteis e comandados de terra”. (PD 403)

A palmeira:

“... e tínhamos, ao pasar pelas palmeiras, a intuição esguia de outras terras”. (PD 402).

As aves com seus cantos imprecisos:

“Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave...” (PD 403).

E o elemento mágico, unindo o fantástico e o feérico-infantil, na mesma atmosfera indizivelmente poética — de irrealdade:

“Não tiremos do dedo o anel mágico que chama, mexendo-se-lhe, pelas fadas do silêncio, pelos elfos da sombra e pelos gnomos do esquecimento...” (PD 404)

Em concordância com sua essência de paisagem interior, a floresta é plano metafórico para situar a presença do eu:

“E no fundo do meu espírito onde sonho o que sonhei
Nos campos últimos da alma onde memoro sem causa
Nas estradas e atalhos de florestas longíquas,
Onde supus o meu ser... (PC 321)

E’ frequente esta visão do eu como paisagem:

“Vou em mim como entre bosques
Vou me fazendo paisagem
Para me desconhecer
Nos meus sonhos sinto aragem
Nos meus desejos descer”. (PI 509)

Resumindo: a floresta é também uma paisagem de “ilha”, intensificada, pelos detalhes visuais e pelo elemento sensorial, na opulência excessiva do clichê da “ilha tropical”:

“Carvalhos cheios de séculos nodosos faziam tropeçar os nossos pés nos tentáculos mortos de suas raízes.... Plátanos estacavam.... E ao longe, entre árvores é árvores de perto, pendiam no silêncio das latadas os cachos negrejantes de uvas....” (PD 402).

Porém nos versos a paisagem aparece esquematizada em um ou dois elementos.

Elementos feéricos — Do mundo de fantasia da infância provêm também — Pessoa o menciona num verso já citado — os cavaleiros, reis, castelãs, princesas, seres constantemente chamados ao sonho pessoano. Em síntese difusa, o mundo feérico aliado aos elementos marinhos tece a atmosfera de sonho no poema “Ó naus felizes que do mar vago”:

“Meu coração é um morto lago
E à margem triste do lago morto,
Sonha um castelo medieval...
E nesse onde sonha, castelo triste

Nem sabe saber a, de mãos formosas
Sem gosto ou côr, triste castelã
Que um pôrto além rumoroso existe..." (C 35)

Princesas, palácios e janelas dos palácios, como veremos — junto ao manuscrito eleito — numa sucessão sem nexó lógico à qual só o sonho empresta continuidade, surgem no poema "Hora Absurda":

"O palácio está em ruínas... Doi ver no parque o abandono,
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela
cortada". (C 37).

A imagem contida no último verso citado aproxima o palácio do manuscrito, elemento suscitador de sonho como a gravura, a ilustração, o mapa, etc. Na habitual atmosfera de bruma desfilam as imagens sonhadas:

"Tôdas as princesas sentiram o seio oprimido...
Da última janela do castelo só um girassol
Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido
(C 37)

O palácio deserto, a beira mar, será também o lugar eleito para o sonho de amor:

"No lugar dos palácios desertos e em ruínas
À beira do mar
Leiamos, sorrindo, os segredos das sinas
De quem sabe amar". (PC 315)

Já em pleno feerismo aparecem os gnomos, fadas, silfos, sêres cuja essência, como a do mesmo sonho, é aquela do astro

"Que só brilha quando houver
Quem o suponha sem ver". (PI 520)

Os sêres mágicos guardam a atração do impreciso, do misterioso, surgem com presenças só insinuadas, nos momentos em que o poeta entrega-se às sensações do sonho, quando as paisagens desrealizam-se em imagens cambiantes, e músicas inefáveis soam:

"Silfos ou gnomos tocam?
Roçam nos pinheirais
Sombras e bafos leves
De ritmos musicais". (C 43)
"E' elfo, é gnomo, é fada
A forma que ninguém vê?" (C 103)

O elemento musical propicia a evocação das fadas e dos gnomos, como no poema "Hiemal":

"Baladas de uma outra terra, aliadas
Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,
Retinem lívidas ainda aos ouvidos
Dos luares das altas noites aladas..."
As fadas são belas, e as estrêlas
São delas... Ei-las alheadas..." (C 65)

O elemento mágico é frequente nas paisagens sonhadas; não falta na "Floresta do Alheamento" nem, como veremos, na ilha total de "O Marinheiro".

A janela — Elemento de grande importância por estar ligado à gênese mesma do sonho, é a janela sob tôdas as formas (pórtico, convés de navio) — molduras, no sonho poético, de tôda visão, e com frequência elemento da paisagem sonhada.

É bastante frequente que Pessoa inicie um poema evocando a si mesmo, na contemplação que precede o sonho poético, "reclinado na poltrona" frente a uma janela:

"Estou reclinado na poltrona, é tarde, o Verão apagou-se...
Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu cérebro...
Há uma interrupção lateral na minha consciência...
Apesar de as janelas estarem abertas de par em par....
(PC 314)

Alusão a duas janelas: a real, a objetiva, tantas vezes essencial para o poeta,

"Da mais alta janela de minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade". (C 51)

e a metafórica, que é a que deverá emoldurar as visões de sonho, "fechada" enquanto não chega a visão.

Mas a janela é também elemento da própria paisagem sonhada

"Serena voz imperfeita, eleita
para falar aos deuses mortos
A janela que falta ao teu palácio deita
Para o Pôrto de todos os portos
"Brumas marinhas esquinhas de sonho
Janelas dando para Tédio os charcos..." (C 44)

Muitas vezes situadas em palácios a beira mar, reiteram o ponto de partida para o sonho, para o mistério que reside em tôda imagem do mundo exterior:

"À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto...
Dais para o mistério de uma rua (PC 324)

Pessoa, o sonhador, também procurará a janela para fugir ao tempo:

Chego às janelas
Dos palácios arruinados
E cismo de dentro para fora
Para me consolar do presente". (PC 394)

Elementos marinos — O mundo do mar está intimamente ligado, em Pessoa, à gênese do sonho criador, ao eco de reminiscências ancestrais, a alegorias de alcance metafísico. Em imagens de grande expressividade o autor definiu o profundo alcance afetivo e transcendental que o âmbito marítimo projeta em sua alma:

"Meu coração é um pórtico partido dando excessivamente
sôbre o mar". (C 54)

"Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar". (C 55)

Se faltassem, porém, outros elementos, a "Ode Marítima" por si só bastaria a prová-lo. Certas imagens, pela multiplicidade de alusões, tornam-se simbólicas e de simbolismo complexo: tal o símbolo da nau. Partindo do simbolismo de referência pessoal, é possível seguir a graduação das significações, até a referência metafísica nesta imagem multivalente, capital no mundo poético do autor. O interessante é comprovar a autenticidade e coerência do símbolo, que sintetiza as ressonâncias intelectuais e afetivas, concretas, históricas, de paisagens e de ambiente. Interessa a nós estudá-lo unicamente quando se manifesta em conexão com o estado de sonho do poeta, isto é, no momento da visão poética, como imagem suscitadora de reminiscência, e na sua qualidade de símbolo metafísico.

Em certos poemas, a visão de uma nau irrompe, sem conexão lógica ou emocional com o precedente: sabemos então que o sonho está em atividade dentro do poeta; é o que se dá em "Casa branca nau preta". A 4.^a estrofe, inexplicavelmente ainda, traz a imagem das naus. O próprio poeta, versos mais tarde, fará referência a essa "impressão sem nexo":

"As naus seguiram.
Seguiram viagem não sei em que dia escondido,
E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos
Os ritmos perdidos das canções mortas dos marinheiros de
sonho...
Árvores paradas de quinta, vistas através de janela...
(PC 314)

A estranha irrupção das naus desperta, muito significativamente, a autoanálise no poeta:

“Que sonhos?... Eu não sei se sonhei... Que naus partiram para onde”? (PC 314)

E a acertada conclusão:

“Naus partem — naus não, barcos, mas as naus estão em mim”. (314)

Ligada ao estado de sonho, a imagem da vela também:

“Ao longe, ao luar,
No rio uma vela,
Serena a passar,
Que é que me revela?
Não sei, mas meu ser
Tornou-se-me estranho
E eu sonho sem ver
Os sonhos que tenho”. (C 74)

A mesma identificação, visível ao lado de outros elementos característicos do sonho:

“Ó naus felizes, que do mar vago
Volveis enfim ao silêncio do pôrto
Depois de tanto noturno mal
Meu coração é um morto lago,
E à margem triste do lago morto
Sonha um castelo medieval...
E nesse, onde sonha, castelo triste,
Nem sabe saber a, de mãos formosas
Sem gosto ou côr, triste castelã
Que um pôrto além rumoso existe,
Donde as naus negras e silenciosas
Se partem quando é no mar manhã...”
Nem sequer sabe que há o, onde sonha,
Castelo triste... Seu espírito monge
Para nada externo é perto e real...
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,
Regressam, velas no mar ao longe
As naus ao pôrto medieval... (C35)

Em função análoga à do sonho, a nau pode materializar evasões da realidade:

“Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja! (PC 258)

E a morte do sonho ou a estagnação de seus efeitos, é plasmada na imagem do barco inútil para a viagem em direção à “ansiada Ilha”:

“A minha vida é um barco abandonado
Infidel, no êrmo pôrto, a seu destino.
Porque não ergue ferro e segue o atino
De navegar, casado com seu fado?”
“Os limos esverdeiam tua quilha,
O vento embala-te sem te mover,
E é para além do mar a ansiada Ilha”. (C 125)

No momento das reminiscências, a nau aparece como um elemento de intenso poder evocador:

“Vejo passar os barcos pelo mar
As velas, como asas do que vejo
Trazem-me um vago e íntimo desejo
De ser quem fui, sem eu saber quem foi”. (PL 554)

Com a mesma significação difusa, sempre centrada na impressão de reminiscências, desenvolve-se a imagem na “Ode Marítima”:

“E quando o navio larga do cais
Ven-me, não sei porque, uma angústia recente
Uma névoa de sentimentos de tristeza
E me envolve como uma recordação duma outra pessoa
Que fôsse misteriosamente minha”.

A visão atinge ao simbolismo metafísico, quando o poeta é arrebatado em “divino êxtase revelador”, para a contemplação da realidade ultrasensível:

“Ah! quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de pôrto?
Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo.
Raiar-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?
(PC 271)

O poeta foi consciente da profundíssima e inexplicável ressonância do símbolo, realidade per — si, independente dos navios ou paquetes reais que contempla “sòzinho, no cais deserto, a esta ma-

nhã de verão”, na “Ode Marítima”, ou da paisagem real (flores e árvores) que o rodeia no momento da visão em “Chuva Oblíqua”

“Todo o atracar, todo o largar de navio,
É — sinto-o em mim como o meu sangue
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui... (PC 270)

Quanto ao simbolismo mais imediato, na representação da vida como viagem para a morte, ou da mesma morte como viagem para o Novo ou Desconhecido, sempre surgirá a figuração da nau, até para representar a vida humana:

“Barcas vazias, sempre nos impele
Como a um sôlto cabelo
Um vento para longe, e não sabemos
Ao viver, que sentimos e queremos”. (PC 270)

Enfim, todos os elementos de forma e conteúdo, todo o potencial afetivo e expressivo que fixa o mundo total do sonho em Pessoa, encarna no poema dramático “O Marinheiro”. Não são mais as alusões ou imagens que constantemente afloram aos poemas; aqui o assunto, o tema central é o sonho. A paisagem tem uma realidade puramente subjetiva; é um universo imponderável, submerso na penumbra, irreal como as personagens que existem tal qual projeções cambiantes, num estado intermédio entre a vigília e o sonho.

A forma dramática permite ao autor fixar objetivamente um “decor”, que como veremos se revela em todo semelhante às paisagens poemáticas do sonho, sem que um só elemento destas tenha sido omitido. Pessoa situa a cena num “quarto que é sem dúvida num castelo antigo”. A janela, elemento indispensável ao nascimento do sonho, dá “para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar”. O “resto vago de luar” desrealiza totalmente a cena.

Há uma reiteração em torno ao tema do sonhador, simbolizado pela Segunda Veladora, cujo sonho, tema central e unidade do drama, introduz, por sua vez, outra personificação do sonhador: o “Marinheiro”. Logo após o início do drama, diz a Segunda Veladora:

“Todo êste país é muito triste... Aquêlê onde vivi outrora
era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha
janela — a janela dava para o mar e às vêzes havia uma ilha
ao longe. (410)

Como observamos, castelo, janela, ilha — também a nau ou a vela:

“Um dia | ... | vi ao longe, como uma coisa que eu só pensasse em ver, a passagem vaga de uma vela... Depois ela

cessou. Quando reparei em mim, vi que já tinha êsse meu sonho". (PD 415)

E' então quando a Segunda Veladora começa a narrar seu sonho:

"Primeira — ... Contai-nos agora o que foi que sonhastes a beira mar.

Segunda — Sonhava de um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longínqua. Nessa ilha havia palmeiras hirtas poucas, e aves vagas passavam por ela... Não vi se alguma vez pousavam... Desde que, naufragado, se salvara, o marinheiro vivia ali..." (PD 414).

Assim torna-se explícito o valor simbólico do "marinheiro": êle é o náufrago, uma das caracterizações do sonhador; a ilha é o seu território propício: ali terá lugar a apoteose do sonho, o momento da obra poética em que o sonho torna-se com maior intensidade do que em qualquer outro momento, vida. Passado, com extraordinária nitidez vivido em sonhos.

Concluindo vemos que o tema do sonho é como um importantíssimo veio subterrâneo que nutre e enriquece toda a poesia de Pessoa. Objetivando os movimentos mais radicalmente autênticos do ser, as suas intuições e evasões, as rememorações e as revelações que lhe são dadas, criando na poesia uma floração de imagens de viva autenticidade, o sonho opera ainda o milagre da síntese profunda da alma do poeta. O crítico defronta-se então com a obra pessoana como estrutura una, total, contínua e profunda, para além dos diferentes heterônimos, cuja distinção não somente tornar-se-á secundária, mas ainda, se levada em consideração revelar-se-á insuficiente para abranger o ser total do poeta.